

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO DO VESTUÁRIO E A ECONOMIA URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Silvana Cristina da Silva

Boletim Gaúcho de Geografia, 38: 157-177, maio, 2012.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37325/24106>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2012.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

O CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO DO VESTUÁRIO E A ECONOMIA URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO

SILVANA CRISTINA DA SILVA¹

RESUMO

Apresentamos neste artigo uma caracterização do circuito espacial de produção do vestuário em diálogo com a economia urbana da cidade de São Paulo, enfocando as áreas de especialização produtiva (os bairros do Brás e Bom Retiro), juntamente com os principais agentes estruturadores do espaço nesta cidade. Em período recente, houve uma reorganização do circuito espacial de produção do vestuário em escala planetária. No Brasil, as etapas da produção, distribuição, comércio e consumo passaram por transformações significativas. No entanto, a cidade de São Paulo, apesar de perder relativamente parte da produção, ainda possui centralidade neste ramo de atividade.

Palavras-chave: Circuito espacial de produção. Dois circuitos da economia urbana. Vestuário, São Paulo.

CLOTHING PRODUCTION SPATIAL CIRCUIT
AND URBAN ECONOMY OF SÃO PAULO CITY

ABSTRACT

We show on this article a characterization of the clothing production spatial circuit related with the urban economy of São Paulo city, emphasizing areas of productive specialization (Brás and Bom Retiro neighborhoods), together with the main space structuring agents in this city. In a recent period, there has been a reorganization of the clothing production spatial circuit in planetary scale. In Brazil, the stages of production, distribution, commerce and consumption have had meaningful transformations. However, the city of São Paulo, although relatively losing part of the production, still has centrality in this branch of activity.

Keywords: Production spatial circuit. Two circuits of the urban economy. Clothing. São Paulo

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia/IG-Unicamp. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP. Silvana25@gmail.com

INTRODUÇÃO

O circuito espacial de produção (SANTOS, 1986; MORAES, 1991) diz respeito às etapas do processo de produção às quais passa a matéria-prima até o consumo final: produção, distribuição, comércio e consumo. Essa categoria analítica permite a compreensão do funcionamento do *território usado*² porque possibilita a identificação dos agentes estruturadores da divisão territorial do trabalho.

O circuito espacial de produção do vestuário possui uma especificidade própria: grande demanda por mão de obra na etapa da costura. Mesmo as grandes empresas do ramo não conseguem criar uma forma de substituição do binômio costureiro/máquina de costura no processo produtivo.

A partir da década de 1990 houve uma reorganização do circuito espacial do vestuário no mundo com rebatimentos no território brasileiro. A produção, circulação, comércio e o consumo receberam interferências do tempo da globalização, ou seja, houve uma racionalização maior dos sistemas produtivos por meio da adoção de inovações organizacionais como a subcontratação e a terceirização. Esse processo fica evidente com o aprofundamento da divisão técnica e territorial do trabalho. As necessidades de diminuir custos na produção, de não acumular estoques e de mudar facilmente os modelos a serem confeccionados (obedecendo à sazonalidade e à moda), induziram as grandes empresas do ramo do vestuário a separar as etapas da costura daquelas que atribuem maior valor agregado, como concepção, *design*, logística, *marketing* e comércio. Aos agentes de menor poder de estruturação do espaço, couberam as etapas de execução da produção, especialmente da costura.

A cidade materializa esses circuitos por meio do *ambiente construído* (HARVEY, 1982), por isso a existência de lugares modernos como a Rua Luis Carlos Berrini e a Avenida Paulista e de ruas deterioradas como as do Brás e do Bom Retiro. Essa materialização corresponde à divisão territorial do trabalho que gera uma *vida de relações*³ com conteúdos distintos, porém conectados.

A cidade de São Paulo destaca-se nesse contexto porque ainda é centralizadora de fixos e fluxos em função desse circuito produtivo, pois atende as grandes empresas oferecendo profissionais e serviços das ati-

2 O conceito de território usado vem sendo elaborado por diversos autores, entre os quais destacamos: Calabri e Indovina, 1992; Santos, 1994; Ribeiro, 2003; Santos e Silveira, 2001 e Silveira, 2008. De maneira simplificada, esse conceito diz respeito à maneira como as formas e ações combinam-se quantitativamente e qualitativamente, gerando usos distintos, que são revelados nos lugares.

3 O conceito de “vida de relações” foi cunhado por P. George (1968) para referir-se às solidariedades internas aos lugares.

vidades quaternárias (SILVA, 2001) e, ao mesmo tempo, fornece mão de obra para a produção como nas atividades de costura.

Coexistem na economia urbana da metrópole dois subsistemas urbanos: o superior e o inferior (SANTOS, 2004)⁴. O circuito superior é aquele das grandes empresas e instituições; e o circuito inferior, são as formas utilizadas pela população pobre – que é maioria e tende ao crescimento – de gerar renda a partir de atividades de organização simples, que dependem de mão de obra intensiva e pouco (ou nenhum) capital. Logo, a distinção entre o circuito superior e inferior ocorre pela organização, capital e tecnologia. Esses dois circuitos formam o subsistema urbano, sendo um equívoco a análise da economia urbana por apenas um desses circuitos, pois eles funcionam de forma complementar e concorrente e o circuito inferior subordina-se ao circuito moderno das grandes empresas porque esse último controla as variáveis-chave do período.

A partir do exposto, propomos a interpretação da cidade por meio da conexão entre o circuito espacial de produção e os dois circuitos da economia urbana, tendo como foco as áreas de especialização do ramo de confecção na metrópole de São Paulo. Como afirma Arroyo (2008), podemos pensar a cidade a partir da justaposição da análise dos circuitos espaciais de produção e dos dois circuitos da economia urbana (superior e inferior), sendo que esse último enfocaria mais o agente econômico (circuito das firmas), que envolve todos os ramos, enquanto que no primeiro, a ênfase da análise é mais no ramo, com todas as empresas que participam do circuito. O circuito inferior compõe o circuito espacial de produção, seja por estar interligado diretamente à comercialização (fornecendo ou comprando insumos), seja por formar ele mesmo um circuito produtivo completo (ARROYO, 2008). Inclusive, para o ramo de vestuário, indicamos que o circuito inferior passa a executar as etapas produtivas menos nobres, como a costura, nas situações de produção das grandes empresas ou mesmo para os comércios do Brás e Bom Retiro.

4 Obra publicada primeiramente em francês: SANTOS, Milton. *L'espace partagé. Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés*. Paris, M-Th Génin. Librairies Techniques, 1975. A primeira edição em português é de 1979. Nesse trabalho o autor propõe um exame da urbanização dos países periféricos a partir da divisão analítica: circuito superior e inferior. As mudanças econômicas do Brasil hoje solicitam uma revisão dessa teoria. Silveira (2004, 2005, 2008, 2009, 2010 e 2011) e Montenegro (2006, 2009) mostram que crescimento econômico vivenciado pelo Brasil vem aprofundando a desigualdade territorial, tornando a análise da economia urbana pelos dois circuitos válida desde que se façam algumas atualizações, por exemplo, como as novas tecnologias da comunicação são usadas pelos agentes do circuito inferior apontada por Montenegro (2006) ou como as grandes empresas chegam até a população de baixa renda via crédito (SILVEIRA, 2009).

Os procedimentos metodológicos para a compreensão desses processos foram: a coleta de dados secundários, especialmente do Rais-Caged e Superintendência Regional do Trabalho; entrevistas com atores do circuito produtivos; e trabalhos de campo, especialmente no Brás e Bom Retiro. Todos esses procedimentos foram realizados à luz da teoria dos dois circuitos da economia urbana em diálogo com o circuito espacial de produção.

Apresentamos essa análise em duas partes. Na primeira, denominada “Caracterização do circuito espacial de produção do vestuário”, expomos como se dá a organização da produção hoje, considerando as etapas da produção, distribuição, comércio e consumo. Na segunda parte, nomeada “A economia urbana da cidade de São Paulo e o ramo do vestuário”, apresentamos o diálogo entre o circuito espacial de produção e os dois circuitos da economia urbana da metrópole, identificando os diversos agentes que compõem as situações de circuito produtivo⁵.

CARACTERIZAÇÃO DO CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO DO VESTUÁRIO

Inspirada nos trabalhos de Marx, especialmente no capítulo “Introdução à crítica da economia política” (MARX, 1983), a categoria circuito espacial de produção permite uma leitura geográfica da divisão do trabalho. Sônia Barrios e Alejandro Rofman, com o projeto “MOVEN: Metodologia para Diagnóstico Regional” do Centro de Estudios Regionales (CENDES) da Universidade Central da Venezuela, foram os precursores da teoria dos circuitos espaciais (MORAES, 1991). Milton Santos (1977, 1986, 1988, 2004) foi o principal interlocutor dessa categoria, refinando e operacionalizando-a para o entendimento da divisão territorial do trabalho no território brasileiro.

Os circuitos espaciais da produção configuram-se em circuitos de acumulação e estruturam-se a partir de uma atividade produtiva inicial. Eles compreendem uma série de etapas do processo de transformação pelo qual um produto passa até chegar ao consumo final: produção, distribuição, comércio e consumo final (SANTOS, 1986). Os círculos de cooperação representam os fluxos imateriais que permeiam as etapas do processo produtivo, que mobilizam uma infinidade de agentes para a realização da produção.

Empiricamente verificamos que as etapas do circuito espacial de produção do vestuário concentram-se em determinados lugares do território nacional. Na cidade de São Paulo, por exemplo, os bairros do Brás e Bom Retiro

5 Há várias áreas de especialização nas atividades do circuito espacial de produção do vestuário no Brasil, tais como no Vale do Itajaí em Santa Catarina, no Oeste do Paraná, no Sul de Minas Gerais, em Fortaleza no Ceará, em Caruaru e Toritama em Pernambuco. Esses lugares apresentam centralidades regionais, entretanto, essas áreas não serão objeto de análise deste artigo.

concentram significativamente a produção e comércio de confecções, sendo que o consumo dos produtos confeccionados nesta área de especialização ganha dimensões nacionais ou mesmo internacionais. Os círculos de cooperação tornam-se amplos, mesmo em um circuito que é aparentemente “local”.

A metrópole de São Paulo apresenta-se como um caleidoscópio de usos distintos das materialidades pré-existentes. As atividades de confecção de roupas encontraram abrigo nas áreas industriais deterioradas como o Brás e Bom Retiro. Esses bairros foram re-significados e se tornaram áreas comerciais de extrema especialização, acolhendo desde grandes unidades comerciais do vestuário do circuito superior, até atividades de fabricação de confecção (oficinas de costura) caracterizadas como circuito inferior. Em cada etapa da circularidade do circuito, observa-se que existe a presença ora de agentes do circuito superior, ora do inferior.

Descrevendo brevemente esse circuito temos na fase da produção quatro grandes divisões: a idealização – em que há a necessidade de profissionais mais qualificados como os *designers*, na qual há certa predominância da atuação de empresas do circuito superior -, a preparação (modelagem e corte) – em que os modelos são cortados e é feita a modelagem segundo a numeração –, a costura – é a fase de maior exigência por mão de obra, pois se trata de uma função que ainda não foi substituída por máquinas, uma vez que exige certo refinamento dos movimentos executados pelas mãos. Além disso, a grande disponibilidade de mão de obra permite o barateamento nos custos de produção (a inserção da mão de obra boliviana análoga ao trabalho escravo⁶ tornou ainda mais barato o custo de produção). Esta etapa está, em grande medida, concentrada nos bairros centrais da cidade de São Paulo. Ainda que haja um movimento de desconcentração em direção à periferia, bairros como Brás e Bom Retiro ainda continuam executando a etapa da costura – e o acabamento – etapa em que se verifica a qualidade das peças, corta-se os fios, lava-se, passa-se e embala-se, deixando-se o produto pronto para distribuição.

Identificamos um forte processo de desconcentração da produção, na fase da costura, no território brasileiro. A Tabela 1 mostra como o município de São Paulo perdeu pessoal ocupado no ramo do vestuário. A Tabela 2 indica os estados que tiveram crescimento significativo do número de ocupados no ramo do vestuário como Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Ceará e Pernambuco.

6 A Superintendência Regional do Trabalho do Estado de São Paulo trabalha em suas fiscalizações com a definição de trabalho análogo ao escravo como aquele que sujeita o trabalhador a jornadas de trabalho excessivas, salários reduzidos, existência de dívida (adquirida no transporte durante processo imigração, por exemplo) e a restrição à liberdade de “ir e vir” do trabalhador.

Tabela 1– Pessoal ocupado na produção de confecção e acessórios (1994 – 2009)

	Município de SP	%	Estado de SP	%	Brasil
1994	88319	22,9	150768	39,2	384952
1995	79382	22,2	136937	38,2	358286
1996	68925	19,7	124105	35,5	349530
1997	58461	17,0	110542	32,2	343097
1998	52850	15,3	104098	30,0	346499
1999	56176	14,9	109253	29,0	376803
2000	60854	14,8	118615	28,8	411272
2001	59300	14,1	118608	28,2	421138
2002	60912	13,7	121662	27,4	444365
2003	59910	13,4	123125	27,5	448524
2004	65006	13,1	137719	27,8	495727
2005	68232	13,1	145400	27,8	522717
2006	73938	13,4	154911	28,0	552430
2007	78144	13,2	161903	27,4	591226
2008	81252	13,1	165714	26,8	618595
2009	81454	12,9	166620	26,3	632350

Fonte: RAIS-CAGED; Elaboração da autora, 2011.

Tabela 2 – Ocupados na produção de confecção e acessórios (1994-2009)

UF	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
SP	150.768	136.937	124.105	110.542	104.098	109.253	118.615	118.608
SC	52.357	47.856	43.733	43.888	45.443	50.905	56.384	60.156
MG	36.338	37.733	37.762	40.359	42.537	46.751	49.706	50.469
PR	20.897	18.661	21.751	24.611	26.189	30.098	34.636	37.838
RJ	47.431	45.057	42.186	40.398	39.714	42.178	41.493	40.039
CE	21.340	19.402	19.245	20.832	22.981	26.925	31.174	30.677
GO	7.874	8.274	9.247	10.697	12.159	13.461	16.012	16.723
RN	4.923	3.139	3.685	3.406	3.632	4.236	5.095	8.291
RS	15.214	12.611	11.692	12.130	12.337	12.715	14.045	14.067
PE	4.891	5.091	9.631	8.740	9.419	9.870	10.568	10.127
ES	8.335	8.159	9.942	9.908	10.415	11.445	12.388	12.451
BA	4.597	5.192	5.336	5.843	5.970	6.647	7.219	7.347
MS	514	516	493	621	577	589	1.119	1.506
PI	3.664	3.553	4.107	3.773	3.281	3.293	3.934	3.855
PB	1.797	2.759	2.417	2.716	2.913	3.225	3.527	3.213
SE	1.303	442	924	913	1.265	1.624	1.570	1.562
MT	421	433	817	720	584	542	579	718
PA	515	613	609	677	667	694	688	670
DF	752	784	676	789	715	697	569	686
AM	228	325	205	277	274	371	513	537
RO	175	125	188	340	364	401	440	474
MA	319	242	290	375	367	312	319	402
AL	230	282	317	365	366	345	373	380
TO	39	54	92	94	126	138	201	235
AC	21	16	35	47	49	39	38	45
AP	0	0	18	10	32	28	47	39
RR	9	11	27	26	25	21	20	23

Fonte: Dados Rais-Caged; Elaboração Silvana Cristina da Silva, 2011.

Tabela 2 (cont.) – Ocupados na produção de confecção e acessórios (1994-2009)

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
121.662	123.125	137.719	145.400	154.911	161.903	165.714	166.620
63.744	65.388	71.315	76.096	81.255	86.567	89.524	95.257
54.128	54.567	61.509	66.243	67.197	69.595	71.927	71.449
43.944	46.362	53.961	56.003	59.325	65.435	70.333	70.126
40.433	38.154	39.509	41.445	45.175	46.883	49.068	51.863
29.814	31.239	34.457	35.978	37.220	41.835	46.190	48.380
17.752	17.937	19.807	20.133	20.564	20.817	20.385	20.750
12.470	10.249	10.126	10.751	11.367	15.804	20.276	20.133
13.815	14.546	15.993	16.391	17.698	18.883	19.808	19.768
10.711	10.628	11.877	13.046	13.963	16.028	16.582	17.599
13.151	13.439	14.935	15.158	15.273	15.286	14.786	14.850
7.380	7.153	7.814	8.334	9.424	11.365	11.327	11.577
1.830	2.174	2.436	2.845	3.457	4.159	4.524	5.391
4.015	3.833	3.351	3.222	3.318	3.573	3.937	4.214
3.123	2.793	2.943	3.050	3.178	3.117	3.481	3.827
1.645	1.953	2.230	2.178	2.248	2.257	2.420	2.465
796	904	1.117	1.185	1.030	1.463	1.538	1.369
806	757	857	935	886	942	990	1.225
735	784	798	760	1.194	987	1.172	1.188
626	635	757	1.175	1.041	1.043	1.173	1.125
527	577	654	685	779	763	883	939
469	497	741	819	877	1.017	1.116	787
395	462	383	399	466	857	699	709
283	250	286	329	367	473	465	478
54	48	65	63	128	93	156	126
40	51	61	75	66	60	91	94
17	19	26	19	23	21	30	41

A análise das informações na escala dos municípios indica que os ocupados nas atividades de vestuário se dispersam pelo território, sobretudo pelos estados do Sul e Nordeste. No entanto, concentram-se em lugares específicos como verificamos pela Tabela 3, em que cerca de 50% dos ocupados estão em 37 municípios brasileiros. Sobressaem algumas áreas de especialização como São Paulo/SP, Fortaleza/CE, Rio de Janeiro/RJ, Natal/RN, Blumenau/SC e Goiânia/GO, entre outras.

Tabela 3: Ocupados na atividade de confecção e acessórios por municípios (2009)

	Municípios	Ocupados	%
1	São Paulo	81454	12,88
2	Fortaleza	35647	5,64
3	Rio de Janeiro	20246	3,20
4	Natal	15894	2,51
5	Blumenau	11384	1,80
6	Goiânia	10768	1,70
7	Jaraguá do Sul	10593	1,68
8	Nova Friburgo	9999	1,58
9	Apucarana	7833	1,24
10	Belo Horizonte	7416	1,17
11	Caruaru	5949	0,94
12	Londrina	5822	0,92
13	Maringá	5797	0,92
14	Brusque	5722	0,90
15	Cianorte	5113	0,81
16	Petrópolis	5035	0,80
17	Salvador	4900	0,77
18	Divinópolis	4835	0,76
19	Colatina	4701	0,74
20	Criciúma	4126	0,65
21	Juiz de Fora	3998	0,63
22	Gaspar	3940	0,62
23	Indaial	3931	0,62
24	Joinville	3615	0,57
25	Muriae	3574	0,57
26	Teresina	3505	0,55
27	Santa Cruz do Capibaribe	3239	0,51
28	Vila Velha	3045	0,48
29	Recife	2956	0,47
30	Pomerode	2933	0,46
31	Americana	2789	0,44
32	Maracanaú	2767	0,44
33	São Gabriel da Palha	2734	0,43
34	Pacatuba	2646	0,42
35	Guaramirim	2522	0,40
36	Guarulhos	2511	0,40
37	Timbó	2479	0,39
	Total	316418	50,00

Fonte: Dados Rais-Caged; Elaboração Silvana Cristina da Silva, 2011.

Especificamente no interior do estado de São Paulo houve a consolidação de ocupados no ramo, nas cidades de Campinas, Americana, Santa Bárbara d'Oeste, Indaiatuba, Jundiaí e Limeira. Outras cidades do estado vêm se destacando também como: Sorocaba, São José do Rio Preto, Taguaí, Itapetininga, Avaré, Cerquillo, Bauru, Auriflama, Ribeirão Preto, além das cidades da RMSP como Guarulhos, Osasco e São Bernardo do Campo.

A dispersão da produção, especialmente da subetapa da costura do circuito espacial de produção do vestuário, ocorreu em virtude dos elevados custos da mão de obra nas áreas de produção mais antiga como São Paulo, em função dos incentivos fiscais, tributários e territoriais oferecidos às empresas para se deslocarem, principalmente para o Nordeste. O aumento da facilidade trazida pela maior densidade de transportes e comunicações, também constitui fatores fundamentais ao deslocamento da produção para outras regiões do território brasileiro, inclusive do estado de São Paulo.

Entretanto, enfatizamos que a dispersão de uma etapa do circuito espacial não significa perda, necessariamente, da importância da atividade para a cidade de São Paulo, pois, como já apontamos, as grandes empresas comandam o circuito de acumulação e atuam fortemente nas etapas de maior valor do circuito como pesquisa, desenvolvimento, concepção, *design*, logística e comércio. Dessa forma, ainda que haja uma dispersão da produção, há também maior centralização das atividades mais sofisticadas na metrópole de São Paulo.

A etapa da distribuição é complexa, pois muitas vezes confunde-se com o do comércio. Lupatini (2004) lembra que o circuito produtivo do vestuário caracteriza-se pelo domínio do comércio no ciclo da acumulação. Logo, dependendo do agente comercial (pequenos atacadistas, grandes atacadistas, varejistas de atuação nacional e global, *grifes*, marcas nacionais ou internacionais, pequenos lojistas, feirantes, entre outros) que solicita a produção, surge a forma de distribuição coerente com o poder organizar do espaço desse agente. No entanto, o agente do comércio é quem comanda a acumulação, ou seja, retém o lucro.

Podemos fazer uma grande generalização sobre as formas de distribuição dos produtos e artigos do vestuário. Segundo o poder do agente de comando do circuito, estas formas podem se dar das seguintes maneiras:

Quando o solicitante é uma empresa de alta costura, ela pode enviar a mercadoria direto para sua loja ou para um centro de distribuição, que por sua vez encaminhará a mercadoria às lojas. Os transportadores podem ser empresas contratadas para este fim ou fazer parte da própria estrutura da marca. Isso ocorre também se a contratante é de uma grande marca, porém, neste caso o produto passa pelo centro de distribuição e segue diretamente à loja franqueada ou para lojas multimarcas.

Outra forma de distribuição relaciona-se com as grandes lojas varejistas, das quais citamos a principais: Renner, Marisas, C&A, Riachuelo, Zara e as Pernambucanas. Nessa situação a produção está totalmente

subordinada ao varejo. O transporte entre as oficinas e a loja é essencial para essas empresas. Além de terem o domínio da subetapa da concepção (na etapa da produção), essas empresas subordinam as oficinas com regras rígidas de controle de qualidade, prazos de entrega e adequações à legislação. Além de contratarem empresas com *know-how* para a logística de distribuição dos produtos, elemento fundamental na atividade de vestuário na atualidade.

Outras formas de distribuição do circuito espacial de produção, que se assemelham, ocorrem quando a mercadoria dirige-se diretamente para as Lojas do Brás e Bom Retiro (ou são produzidas nestes próprios bairros) ou destinam-se à Feira da Madrugada. A proximidade entre a produção e o comércio condiciona o fluxo direto da oficina. O transporte é realizado por pequenos carros de propriedade dos donos das oficinas ou pelos lojistas ou mesmo por pequenos transportadores subcontratados.

No caso da cidade de São Paulo, conforme já mencionamos, o comércio é realizado pelos grandes varejistas do circuito superior, pelos pequenos e médios comerciantes do Brás e do Bom Retiro, pelos expositores da Feira da Madrugada ou mesmo pelas “sacoleiras” e lojistas do Brasil inteiro que frequentam esses bairros da cidade de São Paulo para efetuar as suas compras e posterior revenda desses produtos.

Salgueiro (1989) lembra que a atividade comercial é extremamente relevante na circulação econômica do capital, pois é por meio da venda que o capital-mercadoria converte-se em capital-dinheiro. A autora afirma ainda que a concentração da população em cidades trouxe o aumento das dimensões dos comércio, juntamente com a reorganização do sistema de produção e distribuição. No entanto, uma tendência dos comércios foi a especialização, ou seja, surgiram lojas dedicadas a vendas específicas de tecidos, confecções, móveis, eletrodomésticos, entre outros. Esse movimento obedece em certa medida a própria segmentação da produção.

Dentre os canais de distribuição, as grandes redes especializadas (25%) se destacam, juntamente com as pequenas redes (21%), perfazendo 46% do volume comercializado, além dos atacadistas com 16% do total (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO, 2009).

Apesar da diversidade dos canais de comercialização dos artigos de vestuário, verifica-se a importância das grandes lojas especializadas, das lojas de departamento e dos atacadistas. As redes de lojas de varejo de vestuário no Brasil vêm se expandindo, inclusive redes de atuação global como a C&A e a Zara do Grupo Inditex. Contudo, é necessário pontuar que a ampliação da ação de tais agentes é condicionada à divisão do trabalho que se materializou anteriormente no território brasileiro e as novas possibilidades de crédito e expansão do consumo.

Dependendo do ator que comanda as situações do circuito produtivo, temos como resultado consumos diferenciados. No entanto, ressaltamos que

não se trata de consumos “puros”. Podem existir pessoas da classe média que eventualmente adquiram seus itens de vestuário nas lojas de grandes marcas ou em lojas populares do Brás e Bom Retiro. A origem do vestuário da população é híbrida, havendo predominância em alguma fonte, como as lojas varejistas especializadas ou as “lojinhas” do Brás e Bom Retiro para determinados extratos da população.

A extensão da rede de consumidores do Brás e Bom Retiro evidencia como o ramo do vestuário estrutura demandas de emprego e geração de renda fora da metrópole de São Paulo. Os lojistas do interior do Brasil levam as mercadorias para seus respectivos comércios e estruturam sua vida com base na revenda de roupas provenientes de São Paulo. As vendedoras de “porta a porta” conhecidas como “sacoleiras” fazem parte dos consumidores desses bairros e tiram sua renda na revenda. Em função da necessidade frequente de realização de compras por esses agentes do circuito, surgem outras atividades dentro do circuito inferior como a de guias de compras e de excursões para essa finalidade.

A produção, distribuição, comércio e consumo do vestuário se reorganizaram em período recente no território brasileiro. No entanto, a cidade de São Paulo, ainda abriga parte significativa da produção e comando dos fluxos materiais e imateriais. Por isso, a categoria analítica *circuito espacial de produção* torna-se bastante útil na análise dos ramos produtivos, por meio dela verificamos que os lugares abrigam e criam uma divisão social e territorial do trabalho em resposta às atividades produtivas. Uma vez criada essa divisão territorial do trabalho ela se impõe às novas ações. A economia urbana da cidade de São Paulo é complexa, o olhar da divisão intra-urbana do trabalho nesta cidade, a partir do ramo do vestuário, indica a convivência dos atributos da metrópole informacional e também da metrópole da produção material.

A ECONOMIA URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO E O RAMO DO VESTUÁRIO

A cidade, que não é uma invenção do modo de produção capitalista, ganha novas funções neste modo de produção. O encurtamento do ciclo produção-consumo é propiciado pelo modo urbano capitalista de viver (SPOSITO, 1998). As mudanças na forma de organização, dos valores e modernização nos sistemas técnicos no mundo também influenciaram a organização da produção no Brasil.

Dessa forma, “a circulação dos produtos, das mercadorias, dos homens e das ideias ganhou uma expressão tal, dentro do processo global de produção, que a urbanização passou a ser um dado fundamental na compreensão da economia.” (SANTOS, 2009, p. 113). Para o autor a *economia política da urbanização* refere-se à divisão social do trabalho que, juntamente com a divisão territorial

do trabalho, origina a repartição dos instrumentos de trabalho, do emprego e dos homens no território nacional. Já a economia política da cidade refere-se à forma como a cidade se organiza, em face da produção e dos diversos atores que compõem a vida urbana. O autor assevera que a *economia política da cidade* e da urbanização são inseparáveis, a separação é apenas analítica. Logo, há “uma relação de causa e efeito recíprocos entre cidade, como ela se organiza materialmente, e a urbanização, como ela se faz” (SANTOS, 2009, p. 114).

Santos (1977, 2004) propõe a teoria dos dois subsistemas de fluxos da economia urbana, um sistema superior e um inferior, como forma de compreensão analítica da economia urbana. A distinção desses dois subsistemas ocorre, sobretudo, quanto ao uso do capital, das tecnologias e da organização. Para Santos (1977), existe de um lado uma massa de população com salários baixos e, muitas vezes, com trabalho ocasional e, por outro lado, uma reduzida parcela da sociedade urbana com elevados salários e condições trabalhistas adequadas e perenes. Ambos têm as mesmas necessidades de bens e serviços, no entanto, somente o segundo grupo possui tais demandas atendidas de forma permanente. Isto cria simultaneamente diferenças qualitativas e quantitativas de consumo. Essas diferenças são ao mesmo tempo causa e efeito da existência dos dois circuitos, isto é, essa desigualdade motiva a criação ou manutenção nas cidades dos países subdesenvolvidos de dois subsistemas de fluxos que afetam a fabricação, a distribuição e o consumo de bens e serviços.

O circuito produtivo do vestuário gera uma infinidade de atividades econômicas na cidade de São Paulo e em outras cidades da rede urbana. A articulação entre o circuito espacial de produção de confecção e a economia urbana de São Paulo, mostra que a partir das etapas da produção, distribuição, comércio e consumo, muito trabalho é gerado e diferentes materialidades são criadas e mesmo apropriadas em função do poder de cada agente no circuito.

Ao identificarmos os principais agentes que comandam a acumulação no circuito espacial de produção, verificamos que o circuito produtivo não é apenas técnico, mas ele permite a identificação das relações sociais estabelecidas. Por isso, encontramos articulações com a economia política da cidade e a economia política da urbanização⁷, isto é, a produção do vestuário responde à divisão territorial do trabalho do território brasileiro e da cidade de São Paulo em um movimento dialético.

A cidade de São Paulo apresenta uma economia urbana complexa dada sua centralidade no território brasileiro. No caso do circuito do vestuário, apresenta uma divisão territorial do trabalho em que os bairros do Brás e Bom Retiro se especializaram na etapa da produção e comércio. Visualizamos na Tabela 4 que esses bairros abrigam 37,36% das oficinas de costura da metrópole, ou seja, apesar de dispersão da produção, esses lugares ainda têm centralidade na etapa da produção.

7 Não aprofundaremos a questão da economia política da urbanização neste artigo. No entanto, não desconectamos a análise da economia urbana da cidade de São Paulo por meio do ramo do vestuário do contexto, da divisão territorial do trabalho do Brasil e do mundo.

Tabela 4: Número de oficinas de costura em São Paulo por distritos – 2010

Distritos	Oficinas	%
Brás	3163	22,47
Bom Retiro	2095	14,89
Pari	553	3,93
Itaim bibi	374	2,66
Casa Verde	264	1,88
Jardim Paulista	226	1,61
Penha	210	1,49
Belém	206	1,46
Vila Maria	205	1,46
Santana	200	1,42
Mooca	199	1,41
Tatuapé	198	1,41
Cangaíba	196	1,39
Sapopemba	194	1,38
Vila Matilde	189	1,34
Vila Medeiros	187	1,33
Pinheiros	186	1,32
Carrão	174	1,24
Ipiranga	172	1,22
Moema	170	1,21
Santo Amaro	158	1,12
Vila Mariana	157	1,12
Vila Prudente	156	1,11
Tucuruvi	151	1,07
Água rasa	148	1,05
Vila Guilherme	144	1,02
Lapa	143	1,02
Outros	3656	26,10
Total	14074	100

Fonte: Dados Receita Federal, Rais-Caged e SRTE/SP, 2010; Elaboração da autora.

As grandes marcas e as redes varejistas caracterizam-se por se-
diar seus escritórios centrais na cidade de São Paulo, responsáveis pela
Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Além do mais, as sinergias do am-
biente metropolitano possibilitam o estabelecimento de relações cor-
porativas com as empresas de publicidade, *marketing*, operadores logís-
ticos, auditorias, consultorias especializadas em pesquisa de mercado,
agentes do sistema financeiro e proximidade com agentes do Estado,

conforme já apontaram alguns autores (CORDEIRO, 1988; CORRÊA, 2006; SILVA, 2001 e SANTOS, 2009). O abrigo desses agentes em São Paulo encontra-se nos lugares luminosos como as Avenidas Paulista, Faria Lima e Luis Carlos Berrini, sobretudo porque estes criaram materialidades (fixos) que permitem a aceleração dos fluxos, imprescindíveis aos agentes do circuito superior.

Entretanto, a execução da costura é realizada por oficinas subcontratadas, que podem estar na cidade de São Paulo (parte localiza-se no Brás e no Bom Retiro), mas também podem se encontrar em lugares longínquos, chegando à escala planetária. Destacamos que essa situação do circuito espacial de produção, comandada por agentes hegemônicos, pode gerar trabalho nos pontos de venda com características de circuito inferior, uma vez que grande parte dos funcionários do comércio tem renda baixa e possivelmente consomem no circuito inferior, ou no circuito superior por meio do endividamento. O consumo das grandes marcas e varejistas nem sempre almejam atingir a população dos altos extratos de renda, é frequente que tais empresas objetivem cada vez mais a capilaridade do consumo.

Os atacadistas do Brás e Bom Retiro mobilizam outra situação do circuito espacial e com ela surge outra dialética com a economia urbana da cidade de São Paulo e com o sistema de cidades nacional. Assim como as grandes marcas e as varejistas, os atacadistas do Brás e do Bom Retiro atualmente se dedicam a criar modelos e terceirizam a produção. Entretanto, dado o poder limitado de ação territorial, parte significativa das oficinas é subcontratada na própria cidade de São Paulo (no próprio Brás e Bom Retiro), ou na periferia da cidade, em alguns casos chegando ao interior paulista. A distribuição é realizada por pequenos transportadores e pelos “oficinistas”, ativando os nexos entre os dois circuitos da economia. O consumo decorrente dessa situação dentro do circuito espacial de produção do vestuário é composto por lojistas e “sacoleiras” de todo o Brasil e famílias da metrópole de São Paulo. A situação dos atacadistas do Brás e Bom Retiro evidencia a importância da contiguidade e da proximidade para a ação de alguns atores no exercício das atividades econômicas.

Para completar o diálogo entre o circuito espacial de produção e a economia urbana, encontramos os agentes do circuito inferior como os vendedores da Feira da Madrugada e dos comércios de pequena dimensão presentes no Brás e Bom Retiro. Estes encomendam a produção às oficinas ou criam, costuram e vendem suas próprias peças. Esses agentes se apropriaram das formas urbanas deterioradas e dos fluxos presentes nestes lugares, criando forte dinamismo da economia do circuito inferior, que gera novas atividades em outras cidades como de guias de excursões, além de manter uma rede de pequenos lojistas e revendedores no interior do Brasil, como já apontamos.

Este é um breve panorama decorrente das articulações entre o circuito do vestuário e os dois circuitos da economia urbana. Encontramos uma complexa dialética entre circuito superior e inferior nas etapas da produção, que se conecta ao tipo de agente que comanda a acumulação. A cidade, como forma e conteúdo, também expressa a maneira como cada agente usa o território, ou deixa de usar, em função do seu poder de estruturação do espaço.

Em qualquer das situações do circuito espacial produtivo encontramos agentes do circuito inferior, ou seja, pessoas que criam seus rendimentos a partir da execução de alguma função dentro desse circuito produtivo, sendo a etapa da costura uma das mais importantes porque necessita de grande quantidade de mão de obra. No entanto, nas situações descritas encontramos momentos de extrema imbricação entre os dois subsistemas urbanos, revelando a complementaridade, a concorrência e a subordinação entre os agentes do circuito inferior em relação ao circuito superior.

A circulação oferece evidências de que o circuito de produção do vestuário extrapolou os limites daqueles bairros e da própria cidade de São Paulo, ganhando dimensões regionais. Se considerarmos os consumidores finais, podemos verificar também que o Brás e o Bom Retiro fornecem roupas para o todo o Brasil e na atualidade vem atraindo consumidores de outros países também. Inês Ferreira⁸, secretária executiva da ALOBRÁS (Associação de Lojistas do Brás), também ressaltou que o público que frequenta o Brás se origina de todo o Brasil, destacadamente do Sul e que há clientes vindos de Angola, Nigéria e África do Sul. Em geral, são elites desses países. Inclusive a Rede Globo Internacional procurou a ALOBRÁS para realizar a divulgação do bairro nos países da África⁹. Também há clientes da Argentina e Paraguai, em menor quantidade.

No Quadro 01 verificamos a centralidade dessas áreas da metrópole para o território nacional, ainda que esses dados não sejam volumosos (foram aplicados 71 questionários), eles indicam o poder de atração de fluxos pelo circuito inferior e superior marginal de São Paulo.

8 Entrevista realizada em 21/06/2010.

9 A diferença no valor de um comercial era significativa, ressaltou Inês, pois 30 segundos de propaganda no Brasil custam em média R\$ 100.000,00, e lá custaria R\$ 500,00.

Quadro 1 – Origem dos consumidores do Brás e Bom Retiro¹⁰

Estado	Quant.	Cidade de origem
Acre	1	Tarauacá
Alagoas	1	Maceió
Amapá	1	Macapá
Bahia	1	Salvador
Distrito Federal	2	Brasília
Minas Gerais	4	Juiz de Fora, Campestre, Uberlândia
Mato Grosso do Sul	3	Campo Grande, Nova Andradina e Chapadão
Pará	1	Belém
Paraíba	1	Campina Grande
Piauí	1	Teresina
Paraná	6	Cascavel, Colombo, Curitiba, Foz do Iguaçu
Rio de Janeiro	5	Rio de Janeiro, Bom Jesus, Valença
Rondônia	1	Porto velho
Rio Grande do Sul	1	Caxias do Sul
Santa Catarina	2	Florianópolis, Videira
São Paulo	38	Carapicuíba, São Paulo (17), Araçatuba, Bauru, Cajuru, Cosmópolis, Franca, Guarulhos, Itu, Jaú, Jundiaí, Porto Feliz, Quatá, Ribeirão Preto, Santa Fé do Sul, Santo André, Santos e Sorocaba.

Fonte: Dados sistematizados a partir de Pesquisa de Campo realizada em 18/08 e 19/09/2011.

Fica evidente a especialização do circuito inferior nas etapas da produção propriamente dita: as oficinas de costura configuram-se no ponto de conexão entre os subsistemas superior e inferior. Todavia, o circuito superior, para ganhar capilaridade e atender a sua demanda por mão de obra, vem subalternizando essas oficinas via subcontratação. Assim, o circuito inferior na etapa de fabricação tem sua autonomia restringida pela dominação do circuito de valorização pelos agentes do grande comércio.

Além disso, o comércio típico do circuito inferior também vem sofrendo restrições em função da especulação imobiliária, expresso pelo poder dos grandes comerciantes que vem ocupando os antigos bairros especializados no comércio de vestuário. Os espaços ocupados por aqueles que produzem suas próprias roupas e as vendem no pequeno comércio sofrem pressão para se retirar da atividade. Alguns pequenos vendedores da Feira

10 Foram aplicados 45 questionários no Brás e 26 no Bom Retiro nos dias 18/08/2011 e 19/09/2011.

da Madrugada seriam representantes do circuito inferior na forma mais “autônoma” (SILVA, 2011).

Esse panorama do ramo do vestuário a partir da metrópole de São Paulo revela a coexistência e a complementaridade entre os agentes nas diferentes situações desse circuito econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do circuito espacial de produção do vestuário indicou que as etapas de produção, distribuição, comércio e consumo se reorganizaram recentemente, mas a metrópole de São Paulo ainda se destaca na produção e no comando dos fluxos imateriais do círculo de cooperação desta atividade.

Houve uma dispersão da produção do vestuário pelo território nacional, sobretudo em direção ao Nordeste, especialmente nos estados do Ceará e Pernambuco, e do Sul, no Paraná e em Santa Catarina. Essa mobilidade da etapa da produção foi possível pelo aumento da extensão e densidade dos sistemas de transportes no território brasileiro e pelas novas tecnologias da comunicação, pois possibilita o envio de ordens, permitindo o comando da produção a distância. No entanto, a cidade de São Paulo ainda se destaca na produção, com 12,88% dos ocupados no ramo.

A cidade também possui centralidade na comercialização da produção. Os agentes do comércio – grandes marcas, redes de varejo, lojistas do Brás e Bom Retiro e os expositores da Feira da Madrugada – têm formas distintas de uso do território. No caso das grandes marcas e das redes de varejo, elas concentram parte da produção em São Paulo, usam intensivamente os sistemas logísticos para articular os fornecedores, o Centro de Distribuição e as unidades de venda, que estão cada vez mais se dispersando pelo país, mas, apresentam-se fortemente concentrada na cidade de São Paulo. Os lojistas do Brás e Bom Retiro se aproveitam da especialização produtiva local para a realização da produção. Em geral, subcontratam oficinas de costura na própria cidade ou na Região Metropolitana de São Paulo, entretanto, não tem “autonomia” territorial com relação à produção e principalmente com relação ao comércio, pois a área de especialização do Brás e Bom Retiro é centro de atração de consumidores consolidado, inclusive a maior parte dos consumidores frequentam esses bairros pela diversidade e preços dos produtos. A Feira da Madrugada é um reduto do comércio popular na cidade, com enorme poder de atração de consumidores, sobretudo de pequenos lojistas do Sudeste e Sul do país e de famílias de baixa renda da periferia de São Paulo.

A prática da subcontratação e terceirização da produção foi adotada de forma sistemática no ramo do vestuário. Os atores do circuito produtivo,

acima citados, usam a subcontratação para reduzir os custos com a mão de obra. A inserção de imigrantes latino-americanos, especialmente de bolivianos, é um elemento significativo para o circuito espacial de produção do vestuário na cidade de São Paulo.

A subcontratação, em grande medida, representa o elo de ligação entre as atividades modernas e das atividades não modernas. Daí a importância da análise da economia urbana a partir do circuito superior e inferior.

Hoje se institui uma tendência à especialização das atividades mais sofisticadas do circuito da produção do vestuário às grandes empresas e uma especialização do circuito inferior às atividades menos nobres e rentáveis, como a costura. Entretanto, os dois circuitos participam de uma só cidade e de uma só urbanização, ou seja, ambos estão unidos estruturalmente e relacionam-se dialeticamente seja por subordinação, dominação, complementaridade ou concorrência.

As cidades são nódulos de convergência dos inúmeros circuitos espaciais de produção que seguem suas próprias racionalidades. Contudo, a economia política da cidade e da urbanização revela que os circuitos produtivos são condicionados pela divisão territorial do trabalho pretérita, ao mesmo tempo, a ação desses circuitos recria e reforça, muitas vezes, a organização intra urbana e reorganizam a própria rede de cidades.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Mónica. “A economia invisível dos pequenos”. *Le Monde Diplomatique*. Brasil, ano 2, no. 15, outubro de 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO – ABIT. Informações Gerais sobre o Setor Têxtil e de Confeção, 2009. Disponível em < <http://www.abit.org.br/site/> > Consulta em 20 de janeiro de 2011.

CALABI, Donatella e Indovina, Francesco. Sobre o uso capitalista do território. *Revista Orientação*, 1992. p. 57-66.

CORDEIRO, Helena Kon. O papel da Região Metropolitana de São Paulo entre os principais pontos da economia transacional no espaço brasileiro. *Revista Ciência e Cultura*. Campinas: SBPC, 40, (3), 1988.

CORRÊA, Roberto Lobato. “Os centros de gestão do território: uma nota”. In: *Território, LAGET – Universidade Federal do Rio de Janeiro*, vol. 1, nº 1, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, jul-dez./1996, pp. 23-30.

GEORGE, Pierre. *A ação do homem*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

HARVEY, David. “O trabalho, o capital e conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas”. Tradução Flávio Villaça. *Espaço e Debates*. No. 6, Junho/setembro, 1982. p. 6-35

LUPATINI, Márcio Paschoino. As transformações produtivas na indústria têxtil-vestuário e seus impactos sobre a distribuição territorial da produção e a divisão do trabalho industrial. Dissertação do Programa de pós-graduação de Política Científica e Tecnológica, Unicamp. Campinas, 2004. 168f.

MARX, Karl. Introdução à crítica da economia política. In: Marx, K. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins fontes, 2 a. edição, 1983.

MONTENEGRO, Marina Regitz. O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização. Dissertação de mestrado do Depto. de Geografia, FFLCH-USP. 2006.

MONTENEGRO, Marina. Circuito inferior central na cidade de São Paulo em sua relação com a densidade de fluxos e com o meio construído. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, ano 08, número 15, 2009.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. “Los circuitos espaciales de la producción y los círculos de cooperación en el espacio.” In: **Aportes para el estudio del espacio socio-económico III**. Yanes, L. e Liberali, A. M., (orgs.). Buenos Aires, El Coloquio, 1991. p.153-177

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Pequena reflexão sobre as categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida (org.) **Território Brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Territorial, 2003. p.29-40.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Novas Formas de Comércio. **Finisterra**, XXIV, 48, Lisboa, 1989. p. 151-217.

SANTOS, Milton. “Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois subsistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais”. In: **Boletim Paulista de Geografia**, 53:fevereiro de 1977. p. 35-60.

_____. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia de; SANTOS, Milton (Org.). A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

_____. Metamorfoses do espaço habitado. Hucitec: São Paulo, 1988.

_____. “O retorno do território”, in Santos, Milton, Souza, Maria Adélia de, Silveira, Maria Laura (orgs.), Território, globalização e fragmentação. São Paulo, Hucitec/Anpur, 1994.

_____. Por uma economia política da cidade. São Paulo: Edusp, 2009 [1994].

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Adriana Maria Bernardes da. A contemporaneidade de São Paulo. Produção de Informações e reorganização do território brasileiro. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, FFLCH- USP, 2001. 282f.

_____. A Feira da Madrugada e os conflitos pelo uso do território na cidade de São Paulo. XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana – Ciência e Utopia, Belo Horizonte, 16 a 19 de novembro de 2011. Disponível em < <http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/f6b23fe8dd46ce10133589436e5cae24.pdf> > Acesso em 15 de fevereiro de 2012.

SILVEIRA, María Laura. Globalización y circuitos de la economía urbana em ciudades brasileñas. In: Cuaderno del CENDES, ano 21, n. 57, 2004.

_____. Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil? In: ALBUQUERQUE (org.) Que país é esse? São Paulo: Editora Globo, 2005. p. 141-178.

_____. Globalización y territorio usado: imperativos y solidaridades. In: Cuadernos del Cendes. Año 25, n° 69, tercera época, septiembre-diciembre, 2008.

_____. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. Caderno CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, Jan./Abr. 2009.

_____. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças – Espaço de Socialização de Coletivos – Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre – RS, 2010. p.1-11.

_____. Modernizações territoriais e os dois circuitos da economia urbana. XIV-Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltão. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1998.

SITES CONSULTADOS

Ministério do Trabalho: <http://www.mt.gov.br/site/>

Associação Brasileira da Indústria Têxtil: <http://www.abit.org.br/site/>